

# A AMPULHETA



GARETH RUBIN

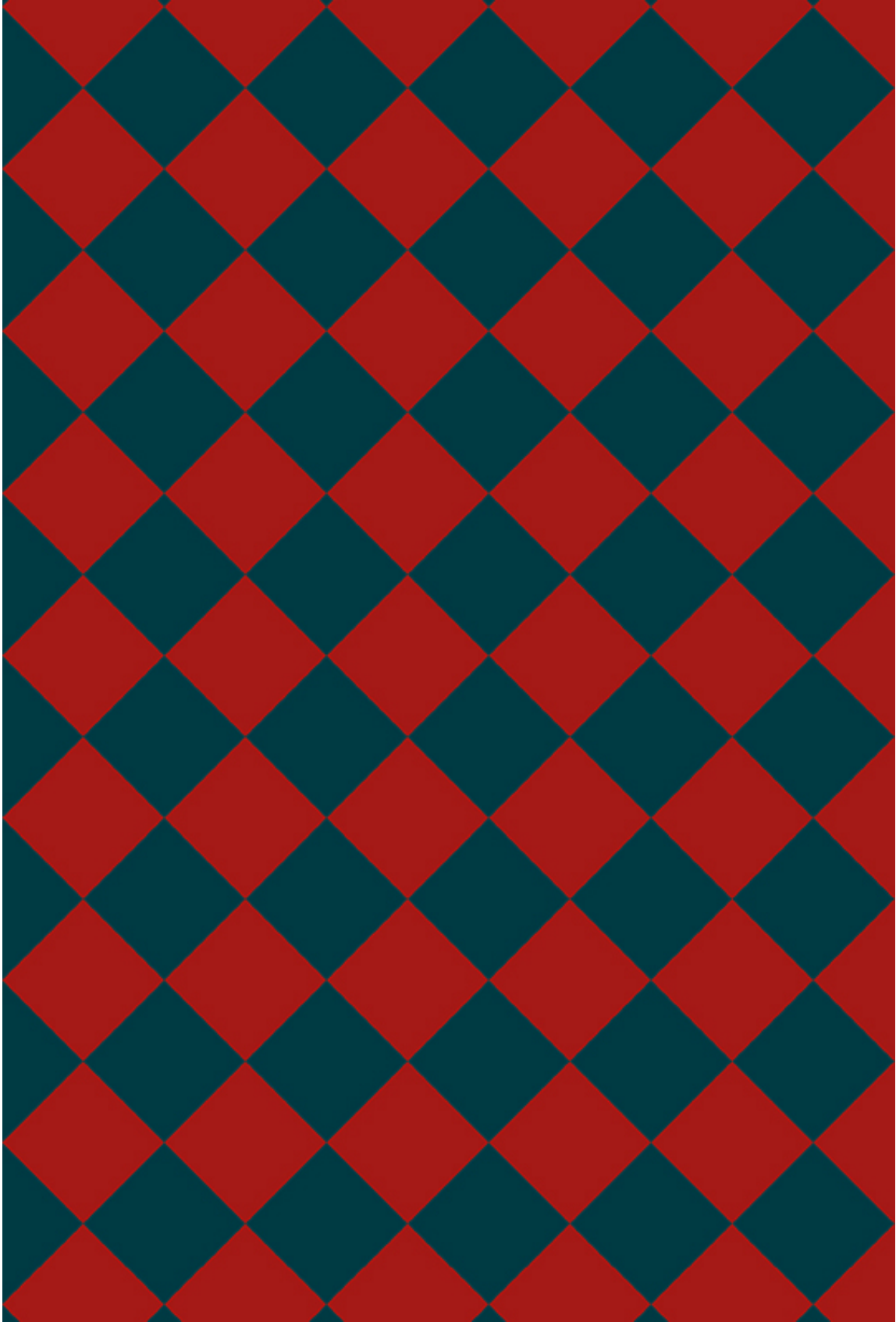
LOBOLIVROS

# A AMPULHETA



GARETH RUBIN

GOBOLIVROS



GARETH RUBIN

---

# A AMPULHETA

Tradução: Roberto W. Nóbrega

**GOBOLIVROS**

# SUMÁRIO

*Pular sumário [ »» ]*

## HISTÓRIA 1

Dedicatória

Epígrafe

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

## HISTÓRIA 2

Dedicatória

## Επίγραφε

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

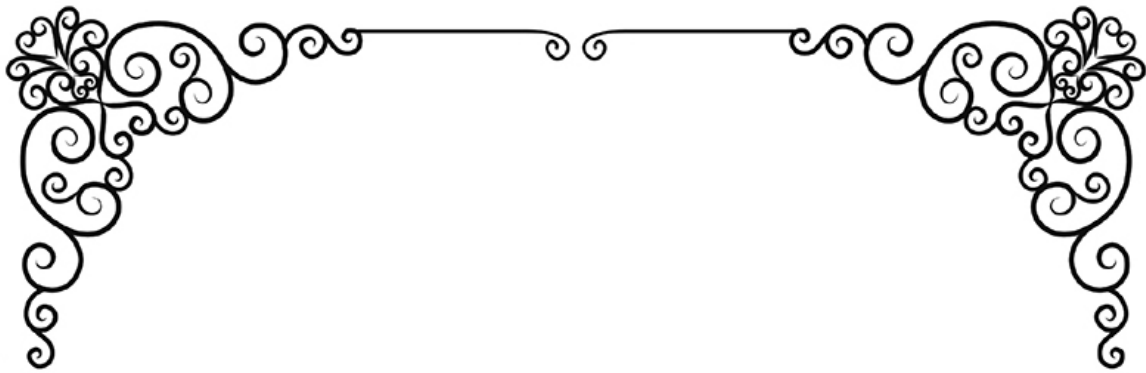
18

19

20

21

*Para Phoebe*



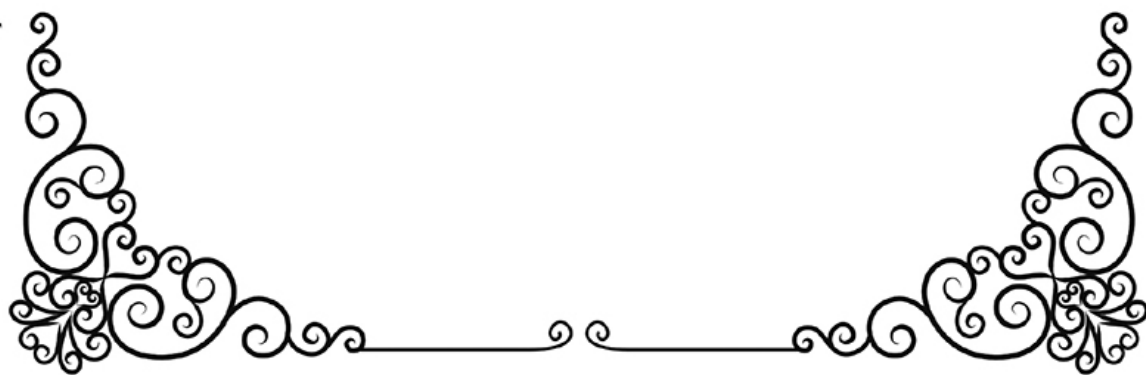
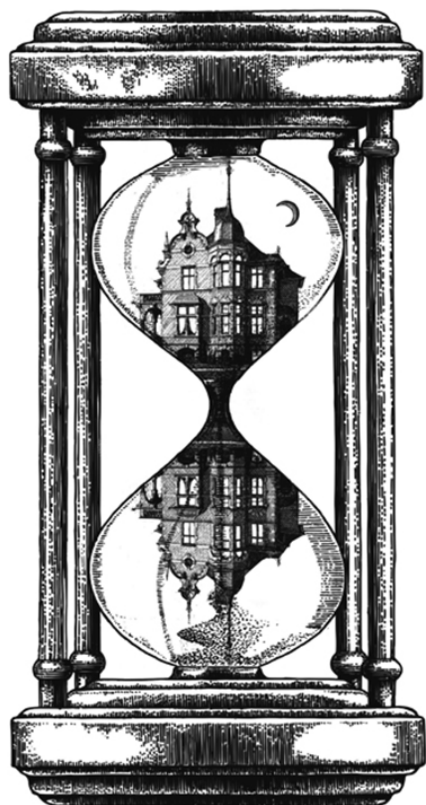
*Tête-bêche* (subst.)

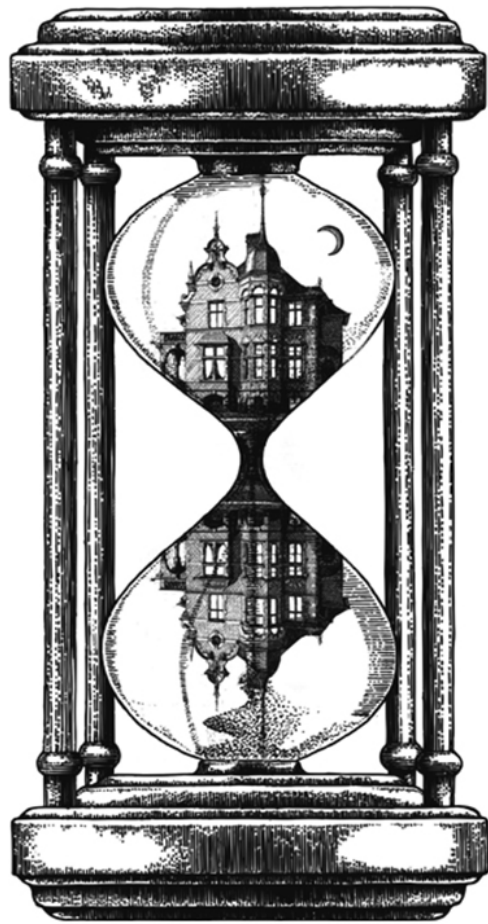
Um livro dividido em duas partes impressas de maneira consecutiva, mas em sentido inverso.

Origem etimológica: francês, “da cabeça aos pés”.

*Recentemente, comprei um livro tête-bêche. É algo encantador. Duas histórias impressas em sentido invertido. Primeiro, você lê uma; depois, vira o livro de cabeça para baixo e lê a outra. As histórias são interligadas e dependentes. Encantador e, eu acho, um pouco estranho também.*

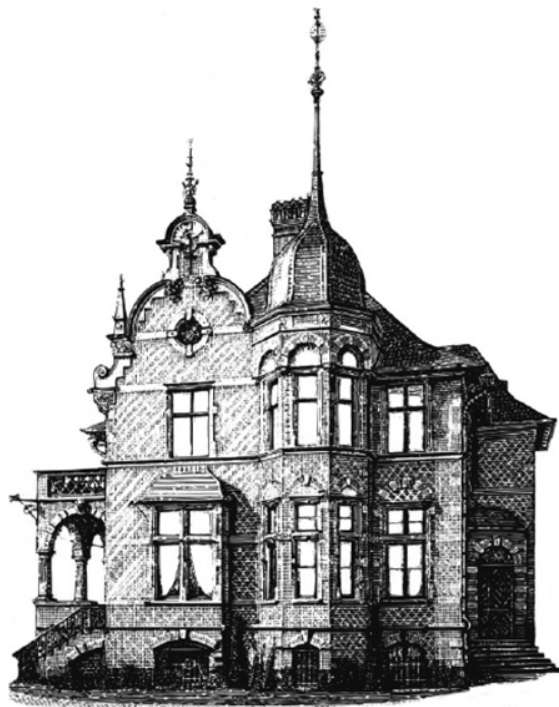
CONDE HORACE MANN, 20 de março de 1819.





*Já vais partir? O dia ainda está longe:  
Não foi a cotovia, mas apenas o rouxinol,  
que o fundo amedrontado do ouvido te feriu;  
Todas as noites ele canta nos galhos da romeira:  
É o rouxinol, amor; crê no que eu digo.*

*JULIETA, Romeu e Julieta, ato III, cena v*



I

## LONDRES, 1881

OS OLHOS CINZENTOS DE Simeon Lee estavam visíveis acima de um lenço que ele amarrara para impedir a entrada do fedor da cólera: o cheiro de corpos apodrecendo em cortiços e necrotérios.

— O rei bateu à porta — murmurou ele.

— Não podemos chamá-lo por um nome diferente? — implorou seu amigo Graham, que cobria o nariz e a boca com um lenço úmido. — Não gosto desse nome. Parece que devemos algo a ele. Não é verdade.

— Ainda assim, ele virá cobrar — respondeu Simeon baixinho.

— Acha que haverá outra epidemia?

— Torço para que não. — Não, ele torcia para que aquele fosse apenas um surto local da doença.

Os dois, que haviam passado anos treinando juntos para seguir uma carreira na qual curassem as pessoas doentes e tranquilizassem as

saudáveis, caminhavam pela rua Grub, nas profundezas do antigo coração romano de Londres. As construções na via foram entregues à imprensa — jornais e periódicos que catalogam as intrigas, os prazeres e as tristezas da vida cotidiana. A vala que seguia pelo meio da pista estava cheia de tinta.

Simeon deixou de lado o lenço que cobria seu rosto quando chegaram à acomodação compartilhada.

— Precisamos encontrar o ponto fraco dessa coisa — disse. Ele pensava na doença comparando-a a um animal, como se fosse um cão raivoso. Pequena demais para os olhos, mas ainda assim uma bactéria forte o suficiente para arrastar hordas de homens, mulheres e crianças até o túmulo. Um pequeno e traiçoeiro assassino. — Toda doença tem seu ponto fraco.

O dr. Simeon Lee tinha feições longas e esguias e uma figura longa e esguia que subia graciosamente a escada que os levava até seus cômodos — seu sótão, na verdade — acima de uma gráfica cujas prensas batiam sem parar. O lugar lhe convinha, entretanto, pois ele podia trabalhar enquanto a maioria das outras pessoas descansava. E era barato. Muito barato. Depois de meses durante os quais suas pesquisas foram interrompidas por falta de dinheiro, ele precisou economizar cada centavo.

— A coisa está lá, consigo senti-la — continuou ele. — Droga, conseguimos nos proteger contra a varíola durante um século. Por que não contra a cólera? — Ele olhava pelo basculante encardido. A escuridão aguda de uma névoa de dezembro o fitava de volta.

— Foi o que você disse, uma ou duas vezes. Está ficando um pouco obsessivo. — Graham hesitou. — Sabe, você não está se tornando muito popular no hospital.

— Você me surpreende. — Ele não se importava nem um pouco com o que as antigas e bigodudas criaturas que dirigiam o Hospital Universitário do Rei pensavam dele. Deixe-as trabalhar nos cortiços e nos infantários nas cercanias de St. Giles e talvez elas enxerguem as coisas de maneira diferente.

Graham deu de ombros, demonstrando pouco caso.

— Como pretende encontrar sua cura milagrosa?

— Como? — Ele quase riu da pergunta. — Com dinheiro. Preciso de dinheiro. Preciso da bolsa do Macintosh. — Ele afrouxou o nó da gravata e se deixou cair sobre o comprido e chamuscado banco de madeira de

espaldar alto resgatado de uma calçada em Marylebone. — Enquanto isso, eles desabam dentro de suas próprias casas como se fosse a peste. — Ele se revirava sentado no banco queimado, tentando achar uma posição confortável. — Um pobretão nesta rua tem menos chance de chegar aos trinta anos do que eu tenho de receber a honraria de cavaleiro. Meu Deus, se Robertson e os outros ao menos dessem ouvidos, poderíamos fazer algo a respeito! — O amigo nem sequer se mexia enquanto Simeon falava sem parar, protestando contra o corpo docente da faculdade de medicina da Universidade do Rei, que repetidamente demonstrara sua total incapacidade de conceber uma única ideia nova que fosse. — Tempo e dinheiro. Basta isso para encontrar a cura. Tempo e dinheiro suficientes.

Sua raiva nascia da frustração. Poucas coisas conseguiam irritá-lo tanto quanto a perspectiva de deixar todo o seu trabalho de três anos acumulando poeira sobre a mesa. Todos os meses o conselho de bolsas da faculdade de medicina hesitava e ponderava sobre suas propostas e zombava delas, e mais homens, mulheres e crianças sucumbiam à doença.

— Acha que vai conseguir?

— Está entre mim e Edwin Grover. Ele quer a bolsa para seu remédio para analgesia.

— Ele é brilhante.

— No papel, sim. Em termos práticos, é um cretino. É tudo teórico demais. Nem pensa em como faria para espetar uma agulha no braço de uma costureira.

Ele batia na mesa com os nós dos dedos, irritado. Grover passava seus dias em um conjunto de cômodos no andar de cima de uma casa um tanto elegante em Soho Square. Quase nunca saía. Não precisava. E, provavelmente, não lhe interessava.

— E se não conseguir?

— Então, meu amigo, passarei a catar moedas pelas ruas.

Ele fez uma reverência.

— Parece congelante.

— Sem dúvida, é.

Graham pigarreou.

— E aquele emprego em Essex? Era remunerado.

Simeon ergueu as sobrancelhas, surpreso.

— Nossa! Tinha me esquecido completamente dele. — Aquilo havia saído da mente de Simeon quase no mesmo instante em que ele deixou de lado o telegrama no dia anterior.

— Seu tio, certo?

— Não é bem assim. É primo do meu pai.

— Ora, é um trabalho remunerado.

Era verdade, mas não era um trabalho atraente.

— Cuidar de um pároco rural que se convenceu de que está à beira da morte, muito embora provavelmente esteja em forma o suficiente para aguentar dez rounds contra Daniel Mendoza.

— Simeon, você *precisa* do dinheiro.

Ele se pôs a ruminar. Não havia como discordar daquilo. Porém, sentia-se como um mercenário barato, tratando de um homem que provavelmente não precisava de mais orientação médica do que “pegue leve no vinho do Porto e dê uma caminhada de vez em quando”. Entretanto, aquele dinheiro poderia ser o recomeço de seu progresso rumo à cura da doença.

— É uma opção — admitiu. — Embora só Deus saiba quanto dinheiro posso arrancar dele. Párocos rurais não nadam em dinheiro.

— Verdade. Pelo menos ele é um sujeito agradável?

Simeon deu de ombros.

— Sem dúvida, um desses pastores velhos e quietos que passam o tempo todo lendo tratados sobre o cálculo do arcebispo Usher de que o mundo tem seis milênios de idade.

— Bem... poderia ser pior. Só tem ele na casa?

— Ah. Bem... — Simeon riu para si próprio. — É aí que a coisa fica um tanto... intrigante.

— Como assim?

— É o escândalo da família.

— Escândalo? Sou todo ouvidos.

— Eu mesmo não sei nem metade da história... Meu pai não quis me contar os detalhes. Acredito que o irmão do pároco foi morto pela esposa em circunstâncias estranhas. Um deles era louco, acho. Eu deveria investigar. Claro, claro, uma história picante pode servir para atenuar o tédio do trabalho. Mas, não, confio na Providência de que o conselho do Macintosh me dará aquilo de que preciso antes.

\* \* \*

Na tarde seguinte, Simeon estava sentado em um banco duro e bem lustrado do lado de fora da sala de um comitê na Universidade do Rei. Edwin Grover, vestido com elegância, estava sentado em um banco idêntico à sua frente.

— Ainda com a cólera, sério? — perguntou Grover.

— Sim. Ainda com ela.

Grover não tinha outras perguntas.

Um mensageiro idoso saiu fazendo ranger a porta da sala do comitê.

— Dr. Grover? Siga-me, por favor.

Grover entrou atrás dele. A porta se fechou com um estrondo que ecoou pelo corredor.

Demorou uma hora para que saísse, com uma cara de satisfeito consigo mesmo. Simeon soltou um palavrão baixinho ao vê-lo; então, era a vez dele.

Ele entrou, se sentou em uma cadeira de madeira diante de um painel de cinco homens e expôs seus planos para curar um dos maiores males da época.

— Dr. Lee. Estivemos analisando seu pedido e os documentos comprobatórios — informou um deles com ar taciturno. — Uma pergunta não parou de nos incomodar.

— Que pergunta, senhor?

— Que provas temos de que você realmente chegará a algum lugar?

Não foi uma pergunta amistosa.

— Pode ser mais específico?

— Seu currículo parece... — ele baixou os olhos para um arquivo. — *Inconsequente*. Nada, pelo que entendemos, foi produzido de verdade com isso.

— Não acredito que...

— Diferentemente... digamos... do currículo de outro candidato, que mostra dois artigos publicados só na *Lancet*.

Em algum lugar por dentro das paredes, os canos de água batiam e uivavam devido ao ar aprisionado.

— Tenho o mais absoluto respeito por publicações acadêmicas...

— Considerando que tudo o que podemos ver produzido por seu trabalho é uma série de solicitações por mais financiamento.

Simeon cerrou os dentes antes de responder.

— Acredito que o retorno valerá a despesa, senhor.

— Mas que retorno? E de quanto será a despesa?

— Acho que trezentas libras seria...

— Trezentas libras? Para uma doença que agora está restrita aos bairros pobres? — Houve murmúrios de concordância do restante do grupo. — É com isso que as pessoas que vivem nesses lugares estão acostumadas. Elas nascem no meio disso. Viverão suas vidas no meio disso.

— E, se passasse tanto tempo na companhia delas quanto eu, saberia que muitas estariam melhor se não vivessem no meio disso.

— O que está querendo dizer? — perguntou o doutor idoso.

— Quero dizer, senhor, que perdi as contas de quantas crianças com menos de cinco anos vi serem condenadas a nada mais que uma vida curta e cheia de sofrimento. Algumas vezes chegou a ser tentador abreviar suas vidas ali mesmo em vez de observar seu inevitável declínio.

— Ora, isso fica entre você e Deus. Aqui, estamos preocupados com seu pedido de bolsa.

— Claro. Sinto muito pela digressão... — disse Simeon, se desculpando. — Respondendo precisamente à sua pergunta: não conseguimos identificar material digno de vacina com base em fontes humanas. Minha consideração é que animais não humanos talvez possam produzir o material de que precisamos. Por exemplo, se expusermos nossos parentes mais próximos, os gorilas, a essa doença... e colhermos seu sangue, é possível que a consanguinidade possa proporcionar a proteção contra o germe.

— Então, agora ele quer todos nós balançando pelas árvores — murmurou um dos homens.

Quando Simeon voltou aos seus aposentos, havia uma garrafa de vinho tinto aberta sobre a arca que eles utilizavam como mesa. Ele bebeu o pouco que havia sobrado e olhou para o amigo, que roncava suavemente na cama, e desviou o olhar pela janela. A rua estava silenciosa como um túmulo.

Então percebeu que a garrafa estava em cima de algo: um telegrama. No dia anterior, ele enviara um telegrama para o pai, pedindo detalhes

sobre os casos de assassinato que envolveram seus familiares em Essex dois anos antes e deixaram em polvorosa as más línguas. A resposta havia sido rápida.

“Seus deveres são puramente clínicos. Ocupe-se deles e de nada mais. Ouvi dizer que houve a suspeita de crimes abomináveis antes mesmo de ter acontecido a violência. Não é surpresa para mim. O ar da Casa da Ampulheta sempre teve algo de corrupto e maligno. Deixe isso com Deus e com a lei.”

Simeon não foi capaz de deixar de observar o fato de que o pai, que não costumava ser um homem de arroubos de extravagância poética, dissera que era a casa em si que tinha “algo de corrupto e maligno”, e não a família. Aquilo foi curioso.

Simeon nunca conhecera o ramo distante da família que morava na Casa da Ampulheta. Ele crescera centenas de quilômetros para o norte, entre as ruas de pedra de York, um único filho sobrevivente criado por pais que tinham somente um interesse passageiro por ele e que o despacharam para uma escola longe de casa aos dez anos. Seu pai, um advogado com uma firma nebulosa que atendia às necessidades de aristocratas igualmente nebulosos, aceitava a medicina como uma profissão razoável, embora supusesse que a esposa teria preferido que Simeon tivesse almejado uma atividade mais badalada na rua Harley. Sua posterior desaprovação de uma carreira nas pesquisas e no combate a doenças infecciosas não serviu de nada para saciar a sede do filho por aquilo.

“Então, é Essex, mesmo”, pensou ele.

A ilha Ray fica nos sapais da orla do litoral de Essex. É, ou não — dependendo da maré —, uma ilha que repousa entre as desembocaduras abertas dos estuários de Colne e Blackwater. Na maré alta, fica bastante isolada, e a única casa que há nela parece à deriva e erma. O mar que flui por entre o continente e Ray é recoberto por um tapete de sargaço emaranhado, como os dedos de tantos homens afogados. O sargaço flutua no próprio tempo pelos riachos do estuário, até a aldeia de Peldon, no continente, onde a lagoa que fica do lado de fora da estalagem Rosa de Peldon há muito tem sido um armazém para aqueles que complementam sua renda como pescadores de ostras vendendo conhaque e tabaco trazidos

do continente sem pagar o oneroso imposto especial sobre o consumo. De fato, o fundo da lagoa é de madeira e pode ser erguido para drenagem, revelando os barris encrustados com betume que ficavam escondidos ali dentro. Esses barris fornecem vinho a todas as estalagens de Colchester e asseguram renda a todos os alfaiates.

De fato, não chega a ser arrecadado nem um centavo inteiro de imposto especial sobre o consumo em Essex, muito embora um quarto dos bens do país sujeitos à incidência desse imposto seja importado pelo condado. E não pense que os fiscais tributários desconhecem essa atividade fraudulenta, mas desde que vinte e dois deles foram encontrados num barco um dia de manhã com os pescoços cortados alguns anos antes, seus amigos relutavam em se intrometer nas atividades locais.

Ao lado de Ray, fica a ilha vizinha de Mersea, que tem dez vezes o tamanho de Ray e abriga cerca de cinquenta casas e uma praia de cascalho conhecida como Hard. Salicórnia dourada e alfazema-do-mar roxa decoram as duas ilhas, que têm uma base de cascalho compactada com argila que atrai aves pernaltas e flutuantes como ostraceiros e tadornas.

Ainda assim, humanos que visitam essas ilhas devem ser cuidadosos.

Na maré baixa, aparece um istmo estreito, o Strood, que sai do continente e é revelado pela salmoura que parte. Ele vai até Ray, atravessando a ilha de um quilômetro e meio de largura, e depois segue para Mersea. Mas qualquer um que o percorrer deve se certificar de ter conferido o calendário das marés. O perigo não é só ficar ilhado em Ray, com sua casa obscura, e sim que qualquer um que esteja no próprio Strood à medida que a água salgada sobe corre o risco de ser tragado pelo sargaço. Quase todos os anos desde que Ray foi povoada pelos romanos, pelo menos uma pessoa se enroscou na erva daninha. E ainda boiam por lá, sem fazer barulho, sem reclamar; juntando suas mãos lentamente.

Simeon conseguia sentir o cheiro de alfazema-do-mar no vento quando desceu da carroça do lado de fora da estalagem Rosa de Peldon. O condutor passou a viagem se gabando e rindo da indústria local que não era nem de perto lícita, e Simeon chegou a dar uma espiada na lagoa, mas viu apenas a turva água salgada. O ar em si tinha gosto de sal. Queimava um pouco o fundo da garganta, e ele tentou engolir a saliva umas duas ou

três vezes para se livrar da sensação antes de dizer a si mesmo que logo se acostumaria com ela como parte da paisagem.

— Boa tarde, senhor — ouviu ele. O estalajadeiro, um sujeito magro com enormes costeletas, estava de pé à porta fumando um longo cachimbo. — Cê vai entrar?

— Vou, e estou contente por fazer isso — respondeu Simeon alegremente, colocando a bolsa de viagem no ombro e carregando sua maleta médica de couro preto na outra mão.

— Certo, então. Cê vai querer algo pra comer e uma jarra de cerveja, eu não devia nem tá perguntando.

— Me parece muito bom. — Ele olhou o prédio de cima a baixo. Era uma estalagem campestre ampla e de um andar só, caiada de branco e que chegava a um cinza opaco no sol do inverno. Ele estava com fome, e a perspectiva de uma comida quente o nutriu durante a viagem de uma hora da estação de Colchester a caminho de se encontrar com o pároco local, Oliver Hawes... na verdade, era dr. Hawes, pois aquele homem era um doutor em divindade.

— Vamo entrando, então, moço.

Ele aceitou de bom grado. A taverna estava recebendo uns sete ou oito sujeitos que trajavam roupas de pescadores. Todos fumavam um cachimbo branco comprido e fino, idêntico ao do estalajadeiro. Simeon se perguntou se seriam capazes, de alguma forma, de diferenciar seus próprios cachimbos daqueles dos amigos. Três mulheres também haviam chegado e formavam um trio de Moiras no canto, examinando-o silenciosamente.

— Entre, rapaz — reiterou o estalajadeiro. — Sempre tem uma recepção calorosa na Rosa. Livre-se do peso da maleta, moço. Isso aí! Jenny! Jenny! Alguns pães e umas doze... não, dezesseis ostras. Ele tá com cara de fome. Depressa, menina.

O sujeito não fez nenhuma tentativa de perguntar se o pedido atendia às necessidades de seu novo freguês. Segundos depois, Jenny, uma menina de uns dez anos, surgiu com pão e um punhado de ostras. O estalajadeiro entregou uma jarra de cerveja pequena e fez um sinal com a mão para que Simeon comesse de pé no bar. Ao que parecia, toda a estalagem estava esperando que ele comesse a comer ou anunciasse o que estava fazendo ali. Ele escolheu começar pela comida. Mas, se esperava que a conversa recomeçasse enquanto comia, enganou-se. O ar permanecia imóvel, exceto

pelo som dele, ou de outra pessoa, bebendo cerveja. Dez minutos depois, havia terminado a refeição.

— Deu quatro xelins, três pences e uma história — informou o estalajadeiro.

Simeon riu.

— E que história seria essa?

— Cê contar o que tá fazendo aqui.

Pareceu perfeitamente amistoso, sem nenhum resquício de advertência, então Simeon não teve pudor em responder.

— Sou médico. Estou indo cuidar de um parente meu.

— Que parente?

Simeon parou para pensar como eles se dirigiam ou se referiam a seu “quase tio”.

— O dr. Hawes.

— O pároco Hawes! — O estalajadeiro arregalou os olhos e um murmúrio percorreu o ambiente. — Cê é parente dele.

— Meu pai é primo dele.

— Verdade? Não fazia ideia que a família do pároco não era daqui.

— Eu mesmo nunca o vi pessoalmente.

— Não... ora... se cê não é de Mersea ou Peldon, não vai conseguir. Ouvi dizer que ele tava doente.

Houve um murmúrio geral, mas o estalajadeiro era claramente o porta-voz de todos ali.

— Estarei com ele hoje à noite e descobrirei.

O estalajadeiro ficou preocupado.

— Espere amanhecer. A maré tá subindo.

— Agradeço, de verdade — respondeu Simeon. — Mas devo ir esta noite. O dr. Hawes está me esperando.

— Morty, cê leva ele? — perguntou o estalajadeiro a um dos homens que nem sequer tentavam disfarçar que ouviam a conversa.

— Sou o barqueiro — Morty se voluntariou. Ele já tinha passado dos sessenta e era pequeno mas em forma, como deve ser um homem que rema nos riachos e mares de Essex. — Barqueiro, eu.

— Parece ser dos bons.

— Mas estou indo para casa agora.

— O Strood é seguro agora? — perguntou o estalajadeiro.

— Deve de ser. Não vai ser rápido, mas ele atravessa.

— Ora, parece bom para mim — disse Simeon. Ele queria ir logo. — Pode me apontar o caminho?

Todos que estavam na estalagem olharam pela janela. Não chovia, mas já passava das seis da tarde e a noite de inverno estava totalmente escura.

— Cê vai precisar de uma lamparina — disse o estalajadeiro, falando meio incerto de que um jovem da cidade, provavelmente de Londres, soubesse que precisaria levar algo assim.

— Eu trouxe uma.

— Botas altas de pesca?

— Não sabia que precisaria. Dou um jeito. — Ele olhou para baixo, para suas botas de couro de cano baixo. Bom, elas já tiveram dias melhores, de qualquer maneira.

— Fica de olho por onde cê passa, então. Direto por ali. A rua se transforma no Strood. O caminho não tem erro quando cê tiver em Ray. A Casa da Ampulheta é a única que tem na ilha.

Ele se deu por satisfeito.

— É um nome estranho. Por que se chama assim?

— Cê óia o cata-vento quando tiver chegando lá. Cê vai ver. — O estalajadeiro hesitou um pouco, como se decidisse se deveria abordar um assunto complexo. — Não é um mau sujeito, o pároco Hawes. Até um pouco engraçado, às vezes. Mas ele tem sido bom com a cunhada depois que... bom, você sabe. — Ele parecia estar sondando para ver o que exatamente Simeon sabia.

O escândalo da família. Aquelas pessoas certamente sabiam mais que ele sobre aquilo. Seria válido conversar, pensou ele.

— Sim, sei que ela matou o irmão dele.

O estalajadeiro pareceu um pouco aliviado em descobrir aquilo.

— É isso aí. Isso é bom. Não queria que fosse um choque cê ouvir isso.

— Não é. — O pai lhe contara em detalhes, mas foi vago sobre como exatamente Florence matara o marido, James, irmão de Oliver. — Mas não sei exatamente o que aconteceu.

— Não sabe, hein? — Ele pareceu um pouco cético e refletiu sobre sua resposta. — Pergunte ao Morty.

Morty olhou nervosamente para Simeon.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A ampulheta"  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).